

# Com novo circuito económico da copra já vale a pena subir às palmeiras

Notícias (supl.) 29 setembro 1984, p.8

«Novo circuito económico da copra», é uma frase que durante vários dias ouvimos inúmeras vezes na província da Zambézia. Ouvimo-la quase sempre, procurando comunicar a ideia de uma força mágica que vai transformar directamente a vida de mais de um milhão de pessoas e, indirectamente, vai ter um grande impacto na economia do País. A sensação de esperança e confiança é grande, mesmo entre gente habitualmente céptica. Quando nos explicam do que se trata, compreendemos a natureza da magia que dá força aos homens para

De ano para ano, porém, as empresas produzem menos. Os camponeses, então, produzem ainda menos que as empresas. De ano para ano o poço foi-se tornando cada vez mais fundo. Este ano, 1984, apesar de novos coqueiros terem sido plantados por quase toda a gente nos últimos tempos, nunca tanto coqueiro produziu tão pouca copra.

O sector empresarial está a produzir cerca de metade do que podia. Os camponeses familiares não passam dos 15 por cento do seu potencial. De facto para que os camponeses não-de-subir às palmeiras a mais de 25 metros de altura e, depois, terem todo o trabalho de desfibrar o coco e pô-lo a secar para extrair a copra se nas lojas onde a vendiam já nada encontram que compense esse esforço? Por isso, nos pequenos e desordenados palmares familiares, os cocos só são colhidos quando não há arroz e milho para matar a fome. Mas este ano os camponeses produziram arroz...

Nas empresas com as suas áreas gigantescas, como os cerca de 25 mil hectares da Companhia do Boror cortados por 2500 quilómetros de estradas e inúmeros canais fluviais, bem como diversa maquinaria, como é possível continuar a produzir e escoar a copra se há anos não se faz qualquer novo investimento? Na Companhia do Boror quase tudo o que ali existe e meios de equipamento mecânico tem mais de 16 anos. Nas restantes a situação é mais ou menos idêntica. Nas empresas, porém, a situação complica-se ainda mais com aquilo a que tecnicamente se chama absentismo dos trabalhadores. Absentismo fácil de compreender quando em casa eles têm as suas machambas de arroz, os seus próprios coqueiros, não têm fome (pelo menos este ano) mas andam praticamente nus. Para que lhes serve o salário se com ele nem o óleo extraído da copra que eles próprios produzem podem comprar?

Além de tudo isto, que progressivamente conduziu os produtores da copra a uma situação de sobrevivência, nem sempre o que tem vindo a ser produzido foi correctamente aproveitado.

Um exemplo deste mau aproveitamento é o desgosto dos cidadãos ao verem que têm de consumir óleo de

copra ou aquela margarina mal saborosa. O cidadão comum aprendeu a maldizer a copra. A ignorância de todos os que de copra nada sabem, como connosco acontecia antes de visitarmos os palmares da Zambézia, leva ao desprezo por um dos nossos produtos mais cotados no mercado internacional. Em qualquer parte do mundo esse óleo de copra vale mais do que a maioria dos outros óleos alimentares. E entre o óleo de copra existente no mercado internacional, o de Moçambique, em especial boa parte daquele que é proveniente do sector empresarial, é dos mais valiosos.

saírem do «fundo do poço»: trata-se de um programa integrado através do qual alguns empresários e centenas de milhares de camponeses vão saborear o valor das divisas que produzem.

Até aqui as quatro grandes empresas de copra (Boror, Madal, Murroa e Zambézia) produziam copra e vendiam-na. Centenas de milhares de camponeses produziam copra e vendiam-na. A copra, no mercado internacional, está a cerca de 400 dólares a tonelada. Só a Zambézia tem capacidade para produzir cerca de 55 mil toneladas. Seriam mais de 20 milhões de dólares!

sos. Devido ao seu alto valor ele é usado apenas em certos produtos de higiene e beleza, entrando em pequenas quantidades em boas e apreciadas margarinas. Isto significa que exportando uma determinada quantidade de copra podemos adquirir quantidades de outras oleaginosas donde podemos extrair mais óleo do que aquele que foi exportado.

Para o cidadão comum isto significaria mais e melhor óleo, já que a nossa indústria ainda não tem condições para tirar o aproveitamento possível a partir da copra.

Significaria? Pelos vistos — é

esse o sentimento que colmos de várias pessoas ligadas ao sector — vai mesmo significar se o novo circuito económico da copra for implementado.

No essencial este circuito prevê as seguintes medidas:

● A copra de melhor qualidade, normalmente a que é produzida pelo sector empresarial deve ser exportada, pois isso significa obtenção de grandes quantidades de divisas;

● A copra de menos qualidade será, em princípio, industrializada internamente e destinada ao fabrico de sabões e sabonetes, procurando-se

Igualmente exportar parte do óleo proveniente desta copra;

● Parte dos valores resultantes da exportação da copra, ou óleo será obrigatoriamente canalizada para a aquisição no mercado externo de bens de consumo ou matérias-primas de que a indústria nacional carece para o fabrico desses bens. E nisto reside um dos aspectos fundamentais deste sistema: esses bens serão encaminhados para promover a comercialização da copra familiar e a resolver os problemas de absentismo dos trabalhadores nas empresas. Nestas condições já valerá a pena voltar a subir às palmeiras e trabalhar na empresa para ter um salário;

● Uma outra parte dos valores da exportação serão atribuídos às empresas agrícolas e industriais, quer para estimular os empresários, quer para se adquirirem novos meios que permitam reproduzir de modo ampliado o ciclo económico dessas empresas;

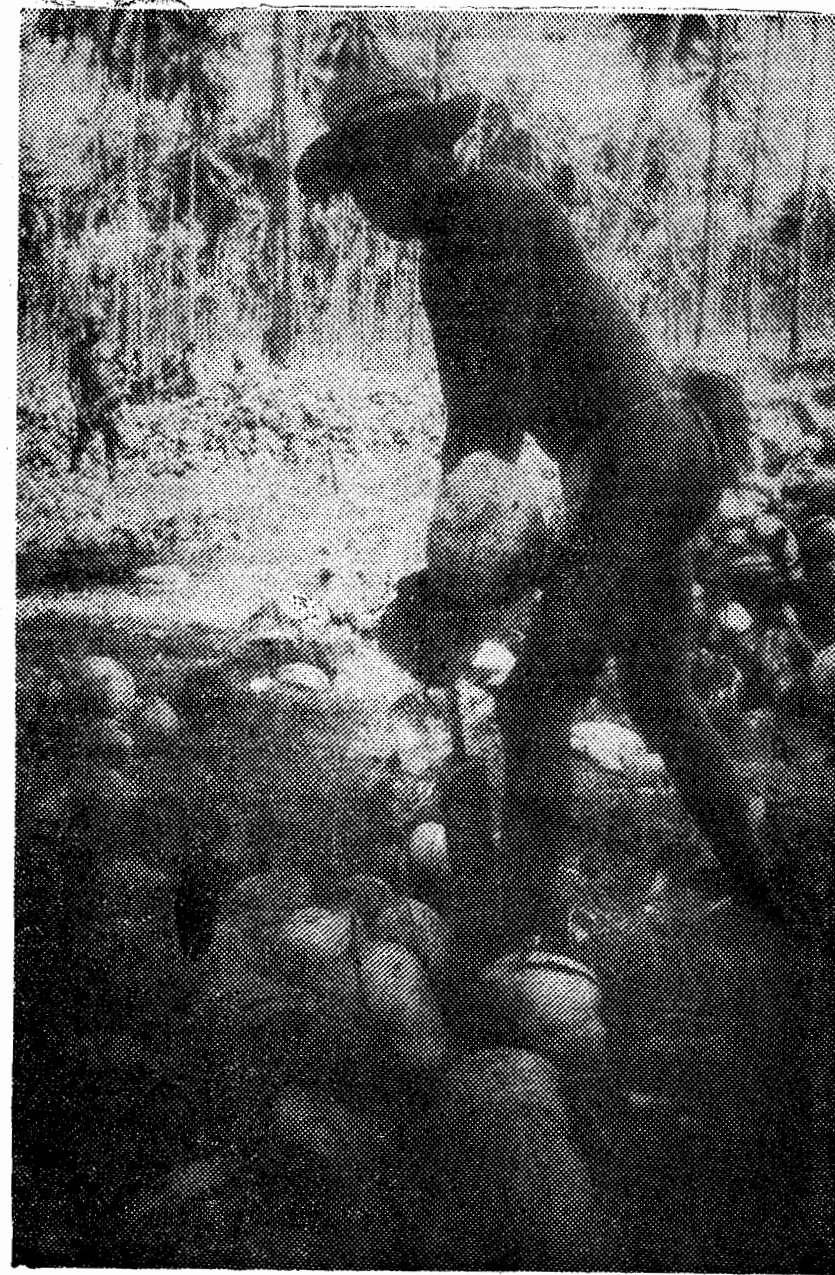
● Finalmente, no que respeita aos que nada têm que ver directamente com a copra, parte do valor da sua exportação será destinada à importação de sementes oleaginosas ou outras matérias-primas, que permitam nas condições da nossa indústria de óleos, a produção de mais e melhores produtos para o abastecimento. Deixaremos então de maldizer o óleo e a margarina de copra...

Com a adopção deste mecanismo haverá cada vez mais bens de consumo, mais equipamento, mais estímulos para os empresários. Haverá, por conseguinte, mais copra e mais óleo. E, daí, novas quantidades maiores de bens de consumo, e de equipamento... Muito simplesmente é a reprodução ampliada de um ciclo económico. O processo, de imediato, começa na Zambézia, que é o principal centro produtor de copra. Porém, mais tarde, ele irá beneficiar através dos fundos aí adquiridos outras províncias onde é necessário também promover-se a comercialização da copra familiar. Estes mecanismos estimuladores deverão alargar-se ainda a outras oleaginosas para que a sua produção nacional substitua progressivamente as importações que têm de ser feitas para satisfazer cada vez melhor as necessidades do abastecimento.

Tudo isto parece muito simples e indicando um futuro demasiado florido. Mas como começar quando se está no fundo do poço sem meios para se poder arrancar?

Se há coisas que nos levaram a sentirmo-nos sensibilizados pela força quase mágica que este circuito da copra está a movimentar, são justamente a solução encontrada para se poder arrancar.

Os grandes empresários estatais e



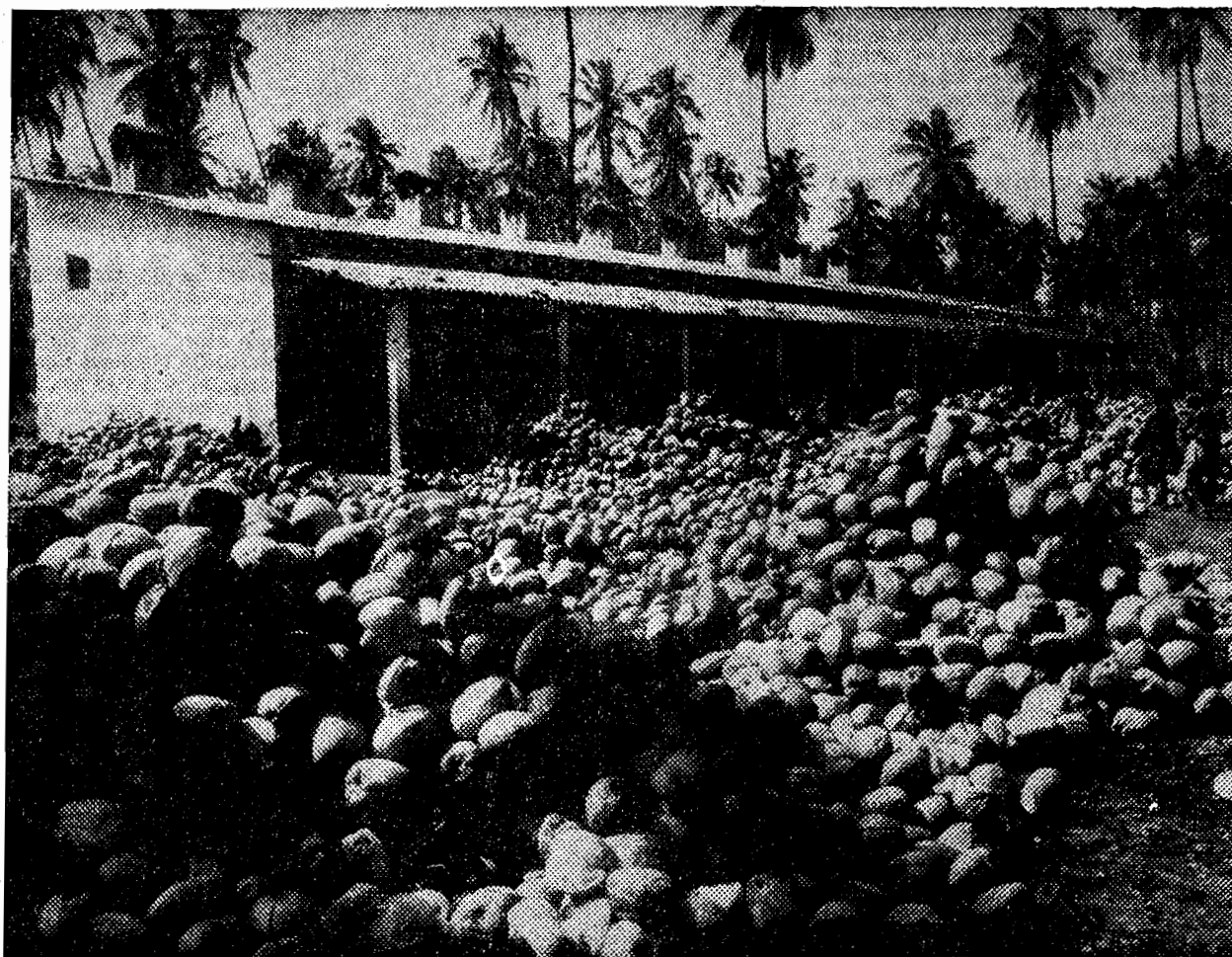
E difícil trabalhar, sem se poder comprar roupa com o salário que se recebe

privados do sector da copra sentiram efectivamente as perspectivas lançadas pela política económica do 4.º Congresso. Sentiram-se estimulados, discutiram, estão a organizar-se. Este sentimento, particularmente estimulado também por mudanças a nível governamental na Zambézia, fez encontrar as soluções, sem esperar por nenhum «pai natal».

Grandes quantidades de copra que estavam já dadas como perdidas e que se encontravam espalhadas pelas enormes plantações acabaram por ser exportadas ou estão ainda a sé-lo.

Só no caso da Companhia do Boror a copra considerada perdida e que foi exportada permitiu a entrada de 1,5 milhão de dólares. É com isto e pouco mais que o circuito vai arrancar comprando de imediato bens de consumo e algum equipamento imprescindível para renovar a vida da produção da copra na Zambézia.

É com isto e por isso, bem como por outras histórias que como esta poderíamos contar, que vimos a política do 4.º Congresso efectivamente a frutificar na Zambézia.



Numa estufa da Boror: cocos não faltam, mas gente para trabalhar?